

A Fundação Cultural busca Novos Rumos

Eclison Tito

Três acontecimentos importantes para o processo cultural brasileiro abrem promissora a década no Planalto Central: a substituição do diretor da Fundação Cultural, a gravação do primeiro compacto do compositor Renato Matos e o lançamento de Tzão — "baralho/livro" do jornalista e teatrólogo Celso Araújo.

Sintomas locais e concretos de um fenômeno mais geral — as escaramuças da redefinição das forças sócio-políticas para a manipulação do Poder no Estado, de um lado, e de outro os resultados das fervuras do caldeirão cultural candango — estes acontecimentos portam uma contradição subjacente, em cujo desenvolvimento é preciso estar atento e interessado: a que se dá entre criação e instituição, produção cultural e reprodução institucional. O primeiro dos três se dá ainda em esferas secretas. Os dois outros são frutos quentes da terra-Brasília, pertencem ao dia-a-dia, à outra margem do presente.

O interesse nessa contradição, por sua vez, também é de natureza opositiva e recobre finalidades divergentes.

Nesse sentido, mas também em outros, a substituição do diretor da FCDF (demissionário ou demitido) tem importância sobretudo enquanto manobra tática, elemento integrante e necessário numa estratégia geral de relegitimação. As instituições numa farândola de manobras cuja verdadeira dinâmica precisa ser revelada e que só não apresenta caráter de ilusionismo porque tudo, afinal, está mesmo sempre em movimento. Não é a troco de nada que todas elas andam à cata do espaço que perderam, descredenciadas que foram ao longo de pelo menos 13 dos 15 anos seguintes ao golpe militar de 1964.

Ruy Pereira caiu? Demitiu-se por cansaço? Não faz tanta diferença. Faria, se isso tivesse ocorrido logo após o último Festival de Cinema, quando houve, pela primeira vez na cidade, uma confrontação político-ideológica pública entre setores ligados à produção cultural no DF e a entidade que dirigia. Ou as críticas eram dirigidas apenas à pessoa do sexagenário que a comandava desde a década passada? A essa altura do processo histórico brasileiro, falsas questões como estas precisam ser descartadas com urgência. Servem ao poder cujos mecanismos se busca clarificar e transferir para o domínio da comunidade.

Contradições entre o ex-diretor e a Secretaria de Educação, se existem, são de natureza sui generis e não conflituosa: tudo acabou em festa, sin-



Ruy Pereira da Silva

toma concreto de que a família está e provavelmente continuará unida, por muito tempo ainda. Com alguns bate-bocas ocasionais, com função de contrabalançar, a nível de fofocas e sussurros, o escândalo dos conchavos. Por enquanto, prenúncios não há de transformações ou de tragédias. Analiticamente, isso permite o lugar comum de que a história poderá se repetir. Nesse caso, apropriadamente como farsa.

Que a Fundação precisa de ar (como todas as instituições da sociedade brasileira nesse momento) os oxigenadores oficiais sabem muito bem. Não é à toa que desde 1976 vêm tentando conter a explosão dos pulmões do país. Lenta e agonizantemente.

Que se deve dar um voto de confiança ao novo diretor da entidade (ou não seria à instituição enquanto tal?) é sadio, mas convém refletir sobre o fato de que a instituição não se resume à figura que se comparece à sua frente. E preciso não alimentar mais ambiguidades entre sujeito e processo, desviar para o personalismo a elucidação do sistema institucional e suas metamorfoses para o bem da lucidez de todos. Uma instituição é uma instituição E uma INSTITUIÇÃO. De resto, confiança não é algo que se atribua mas fruto da conquista.



Carlos F.M. Coutinho

Dúvidas

Alguns fatos envolvendo a queda de Ruy Pereira da Silva, do cargo de Diretor Executivo da Fundação Cultural.

1. Ruy Pereira declara em entrevista ao JBr que se afastou da Fundação por dois motivos principais: cansaço e falta de verbas. Já a Secretária de Educação e Cultura, Eurides Brito, embora confirmando um pedido de afastamento de Ruy Pereira, enfatiza que, de fato, não havia um trabalho integrado entre a Secretaria de Educação e Cultura e a Fundação.

2. Ruy Pereira nega peremptoriamente que tenha havido qualquer atrito entre ele e o ministro da Educação, Eduardo Portella, conforme foi noticiado pelos jornais, envolvendo, inclusive, o fechamento do Teatro Nacional. A ex-chefe de Gabinete do Ministro da Educação e Cultura, Miriam Daulsberg, confessou a um repórter, "off records" (ao pé das oíças) que efetivamente as relações entre o MEC e Ruy Pereira não eram das melhores, mas o que se poderia fazer?...